

A IMAGEM INOVADORA DA MULHER VITORIANA NA OBRA *AURORA LEIGH* (1857)

Jane Ewerton

Doutoranda em Ciências da Literatura e Mestre em Estudos Ingleses pela Universidade do Minho-Portugal, Professora Adjunta de Língua e Literatura Inglesa no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, Campus Monte Castelo.

jm.ewerton@hotmail.com

Andréa Patrícia Lins Silva

Mestre em Educação e Professora Substituta de Pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Pinheiro.

andrealins.7@hotmail.com

O questionamento da manipulação tradicional e estereotipada dos papéis sexuais representados em muitas obras literárias do Período Vitoriano e que parece estar culturalmente associada às diferenças biológicas entre os sexos, traz à tona as contradições e os paradoxos presentes na ideologia do feminino e do masculino vigentes na sociedade inglesa do século XIX. Essas noções preconcebidas dos papéis femininos, além de restringir o pleno acesso social das mulheres à educação e ao trabalho, também exaltavam a imagem mais representativa e simbólica do universo feminino inglês: a figura da mulher angelical, evocada no poema *The Angel in the House* (1854), de Coventry Patmore (1823-1896). O objetivo deste artigo é fazer uma breve análise da representação e do papel submissos da mulher perante o homem no período vitoriano que são combatidos pela escritora Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), em sua obra *Aurora Leigh* (1857).

Palavras-chave: literatura inglesa, período vitoriano, representação do feminino.

INTRODUÇÃO

What you love,
Is not a woman Romney, but a cause:
You want a helpmate, not a mistress, sir,
A wife to help your ends, - in her no end!
Your cause is noble, your ends excellent,
But I, being most unworthy of these and that,
Do otherwise conceive of love.
(*Aurora Leigh*, Book II, 400-406)

ERA VITORIANA: ÉPOCA DE MUITAS TRANSFORMAÇÕES E DE QUESTIONAMENTOS

O período intitulado *Período Vitoriano* (1837-1901), faz alusão ao extenso reinado de Alexandrina Victoria (1819-1901), coroada em 20 de junho de 1837 com apenas dezoito anos de idade, que recebeu não somente o honroso título de Rainha Vitória, bem como a oportunidade de desenvolver e fortalecer a nação britânica e transformá-la numa potência mundial, na sequência do enfraquecimento e decadência dos impérios Espanhol e Português. Isto tornou-se possível através dos vários benefícios trazidos à população inglesa pela Revolução Industrial e pela expansão marítima a outros continentes, a melhoria e surgimento de novos meios de comunicação, nomeadamente a rede ferroviária, e a implementação dos Tratados de Livre Comércio.

A Revolução Industrial não somente transformou de modo produtivo a vida da sociedade inglesa como também provocou mudanças significativas na sua totalidade, principalmente nas vivências e nas mentalidades da população. Aquelas perduram até aos dias actuais, promovendo a Grã-Bretanha a elevados níveis de crescimento económico e de desenvolvimento global. Contudo, este contexto criou também e de forma paradoxal, uma nova instabilidade: situações extremas de privação económica e de injustiça social. Segundo afirma Carter e McRae na obra *The Routledge History of Literature in English: Britain and Ireland*: “The age was characterised by optimism and a sense that everything would continue to expand and improve. Beneath the public optimism and positivism, however, the nineteenth century was also a century of paradoxes and uncertainties.” (Carter e McRae, 1997:272).

Apesar dos inegáveis avanços resultantes da Revolução Industrial, a Grã-Bretanha teve que combater sérios problemas internos causados pela sua inevitável expansão, tais como: longas horas de trabalho para os operários das fábricas e trabalhadores das minas, sem uma compensação salarial condizente com as taxas de crescimento do setor; grande número de crianças das classes sociais menos favorecidas participando das linhas de produção das mesmas, muitas das vezes em condições de trabalho e higiene deploráveis. Para além disso acresciam-se inúmeros outros problemas urbanos, tais como o aumento da população nas grandes cidades, as doenças ocasionadas pela ineficácia de saneamento básico em alguns locais da grande Londres e de outras cidades industriais, provocados pela inesperada afluência e a falta de infra-estruturas de suporte básico. Estas condições urbanas propiciaram ainda o aumento exponencial da promiscuidade e da criminalidade em certas zonas, contribuindo por sua

vez para a proliferação de publicações de pendor sensacionalista que tão bem caracterizou a cultura popular vitoriana.

Existia na Inglaterra Oitocentista um grande fosso social que, de uma certa forma, travava o desenvolvimento local e das classes menos favorecidas. De um lado, uma classe emergente formada por novos industriais, pequenos e médios comerciantes e profissionais liberais de todo o tipo, participando e sendo beneficiados pela nova era, e do outro, grupos desfavorecidos que não dispunham de condições financeiras e educacionais que lhes permitissem galgar posições laborais e sociais mais compensatórias. Na era vitoriana, segundo afirma Carter e McRae, “The contrast between social unrest, with related moves towards change, and the affirmation of values and standards which are still referred at as ‘Victorian values’, is an essential part of the paradox of the age.” (Carter e McRae, 1997:272).

Esta realidade social é analisada por Engels na sua obra *The Condition of the Working Class in England in 1844* (1892). Com base em considerações pessoais, o seu estudo revela talvez pela primeira vez, para uma significativa parcela da sociedade inglesa, as condições quase desumanas a que muitos se viam expostos diariamente: crianças trabalhando exaustivamente junto aos adultos e mulheres em adiantado estado de gravidez cumprindo trabalho braçal em minas de carvão, somente para citar alguns exemplos. Desta forma, uma sociedade perplexa e chocada se depara com a obrigação de defrontar esta realidade pormenorizada por Engels, até que em 1842 é promulgado o Lord Ashley’s Act proibindo o trabalho de mulheres e crianças com idade inferior a 10 anos em minas de carvão. (Altick, 1973:44-46). Esta promulgação viria a contribuir para que as mulheres das classes menos favorecidas almejassem melhores condições de vida nesta sociedade.

A Era Vitoriana foi também uma época que também ficou associada ao conceito de puritanismo, tradicionalismo e cerceamento. Contudo, apesar de serem verdadeiras, tais noções não são totalmente representativas da complexidade do período, reconhecido como uma segunda Renascença Inglesa e caracterizado por uma grande expansão econômica, política e cultural, bem como por uma diferenciada estruturação familiar e social, como afirma Patricia Carvalho Rocha no trabalho intitulado “A estética da dissonância nas obras de Charlotte Brontë.” (2008: 22). Em termos gerais, o período vitoriano foi, sobretudo, uma afirmação dos diversos questionamentos e embates sócio-políticos vivenciados pela sociedade inglesa durante o século XIX. Foi também reconhecido como uma era de profundas transformações de cunho social que

proporcionou à Inglaterra Oitocentista mudanças e rupturas em todas as suas esferas sociais, alterando desde as crenças biológicas e espirituais, até a própria organização socioeconômica do país.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE VITORIANA

A posição que homens e mulheres ocupam numa sociedade, assim como o papel atribuído a cada um dos gêneros, não vem sendo fundamenta em bases igualitárias ao longo da história. Aqueles que representam o sexo masculino são tradicionalmente imbuídos de uma total carga de poder e superioridade que normalmente não é atribuída na mesma proporção ao sexo feminino, caracterizando assim uma sociedade patriarcal. Sendo assim, raramente o controle e o poder recaem sobre o sexo feminino numa sociedade que tem como sua base o modelo patriarcal, sobretudo sendo esta de origem anglo-saxónica.

Vale lembrar que a estrutura familiar da sociedade ocidental, tal como a conhecemos atualmente, é baseada numa lógica patriarcal. Isto significa que cabe ao homem não somente o poder, mas também o papel de provedor e administrador da família em todos as situações. Sendo assim, o homem se torna o responsável pela completa gestão familiar, cabendo à mulher somente e exclusivamente o papel de protetora dos elementos que compõem esse núcleo.

A sociedade que compunha a Inglaterra Vitoriana não diferia desse modelo patriarcal: no espaço privado do lar existia a figura feminina tradicional, aquela que representava uma das mais emblemáticas concepções do feminino que predominava no período: a de uma mulher totalmente pura e submissa, uma verdadeira figura angelical reconhecida e denominada por todos como ‘o anjo do lar’ (*the Angel in the house*), numa alusão à imagem idealizada por Coventry Patmore (1823-1896), no poema *The Angel in the House*, originalmente publicado em 1854. Essa mulher apresentava-se sempre submissa ao marido e devotada aos filhos. Para além disso, ela também tinha que ser passiva, obediente e graciosa. Pronta a sacrificar-se pelo bem-estar da família.

O ideal de feminilidade que predominava na era vitoriana foi reforçado principalmente por Sarah Stickney Ellis (1812-1872), autora de variados livros sobre educação e etiqueta femininas, sobretudo os renomados manuais de conduta para as mulheres de classe média intitulados *The Women of England* (1838), *The Daughters of*

England (1842), *The Wives of England* (1843) e *The Mothers of England* (1843).¹ Nesses manuais, Ellis defende a necessidade de as mulheres serem educadas para o sagrado exercício do matrimônio e da maternidade. Ela justifica essa atitude alegando que as mulheres não encontravam melhores oportunidades no mercado de trabalho não por serem consideradas pessoas inferiores ou incapacitadas, mas segundo afirma Rocha: “Por caber a elas a tarefa ‘sagrada’ tarefa de gerir o ambiente familiar, devendo assim, conseqüentemente, concentrarem-se no trabalho do coração, servir em suas casas e nas atividades de caridade.” (Ellis citada em Rocha, 2008: 29).

Embora se buscasse reforçar a todo custo o papel sagrado da mulher como guardiã do lar, essa idealização da figura feminina não mais atendia aos anseios de indivíduos que vivenciavam diariamente todas as transformações sociais. Não apenas as mulheres eram cada vez mais requisitadas no mercado de trabalho, como também desejavam melhorias nas condições de vida por elas experimentadas, fazendo com que a imagem da mulher reclusa na esfera doméstica ficasse cada vez mais artificial e distante da realidade da população feminina deste período.

O questionamento da manipulação estereotipada dos papéis sexuais presente em muitas obras literárias do período vitoriano e que parece estar intrínseca e culturalmente associada às diferenças biológicas entre os sexos, traz à tona as contradições e os paradoxos presentes na ideologia do feminino vigentes na sociedade vitoriana. Essas noções preconcebidas dos papéis femininos, além de restringir a mulher ao âmbito familiar, também comprometiam seu acesso às demais esferas sociais e se revelavam cada vez mais incompatíveis com as demandas socioeconômicas do período. O que se tem, então, como resultado dessa incompatibilidade é o crescimento de movimentos sociais que lutavam por uma mudança ideológica com relação ao sexo feminino, objetivando melhor inserção social, uma distribuição mais igualitária de direitos e deveres entre homens e mulheres e, sobretudo, um reconhecimento das capacidades intelectuais das mulheres. Tais movimentos essenciais para o entendimento das relações sociais na Inglaterra vitoriana ficariam conhecidos como a “Questão Feminina” (*The Woman Question*).

A disparidade nas condições de vida experimentada pelas mulheres e a inexistência de garantia de seus direitos tornaram-se terreno fértil para o crescimento

¹ É importante destacar que o surgimento de publicações que tratavam das questões femininas antecede o Período Vitoriano. Na obra *A Vindication of The Rights of Women*, publicada já em 1792, a autora Mary Wollstonecraft (1759-1797), já combatia a falta de uma educação eficaz para a mulher.

do movimento feminista que lutava por melhorias na educação para as mulheres, reconhecimento legal de seus direitos e o acesso ao voto. É justamente no palco de contradições e transformações vivenciadas pela sociedade vitoriana que o mundo começa a assistir a mudanças substanciais na ideologia relativa aos gêneros sexuais e seus papéis sociais. O século XIX em Inglaterra apresenta, entre outras coisas, uma crescente preocupação com o gênero feminino e com seu papel na sociedade. Tal movimento se interessa não somente pela educação da mulher, mas, sobretudo, pela luta pela igualdade de direitos entre os sexos nas relações sociais, demandando, principalmente, reformas legais, melhores oportunidades de acesso à educação, melhorias nas condições de emprego e maior liberdade sexual.

Tais exigências e conquistas não passaram despercebidas no plano do pensamento literário, sendo a nossa ênfase o campo poético. Nele, o impacto destas transformações acabou por produzir uma nova atitude literária com destaque para uma poesia mais empenhada nos debates políticos, científicos e estéticos, já que vários poetas vitorianos estavam fazendo com que a sua arte descrevesse a realidade do período. Isto motivava os leitores a procurarem neste importante segmento da arte, valores referenciais que os levassem a uma maior reflexão e conhecimento não somente de si próprios mas também da sua realidade.² Em outras palavras, se inicialmente a figura do anjo do lar imperava no ideário do período, aos poucos fazia-se necessário retratar uma nova figura feminina, assertiva e independente o suficiente para transitar livremente pelas diversas esferas sociais e fazer valer sua opinião.

Escritoras como Elizabeth Barrett Browning, Christina Rossetti e as irmãs Brontë (estas últimas, através do uso de pseudônimos masculinos no início de suas carreiras literárias), entre outras, trouxeram ao de cima nas suas obras, questões relacionadas com o papel da mulher vitoriana da classe média perante a sociedade que lhe impunha um comportamento irrepreensível. Estas autoras retrataram a forma como a mulher lidava com a sua sexualidade, os preconceitos que sofria quando não se enquadrava no comportamento desejado, a pressão e violência domésticas, além de outras questões de gênero e os conflitantes problemas sociais, nomeadamente o trabalho escravo, o trabalho infantil e a prostituição.³

² Para Isobel Armstrong em *Victorian Poetry: Poetry, Poetics and Politics*, a Poesia Vitoriana pode ser definida como: "a complex entity, defining and participating in an era of struggle." (1993:10).

³ Elizabeth Barrett Browning com as obras: *The Cry of the Children* (1842) e *Aurora Leigh* (1857); Charlotte Brontë com *Jane Eyre* (1847), Emily Brontë com *Wuthering Heights* (1847) e Christina Rossetti com *Goblin Market and Other Poems*. (1862).

Nascida em 1806, Elizabeth Barrett Browning foi a primeira mulher nesse período a se estabelecer na principal tradição literária inglesa. Antes de se casar, em 1846 com Robert Browning, a poesia de Elizabeth estava envolta em melancolia e sua submissão era consciente e voluntária (Mermin, 1936: 76). Sua carreira literária teve origem ainda na sua juventude, mas só por volta dos seus quarenta anos foi que seu trabalho ganhou uma atmosfera madura. Ela dedicou aos seus poemas um alerta consciente sobre as estruturas sociais e ideológicas. Para além disso, ela buscou, através da sua poesia, posicionar-se sobre importantes questões políticas e sociais no período em questão. Temas considerados polêmicos e que tinham uma conotação ameaçadora do perfil submisso e doméstico da mulher, - o trabalho escravo, o trabalho infantil, e a prostituição - eram precisamente aqueles que estavam presentes nas suas obras.

Em 1857 Elizabeth Browning publica *Aurora Leigh*, um romance em verso que retrata a vida de uma jovem mulher cuja ambição pessoal é estudar para se tornar uma poeta sem sacrificar a sua vida como mulher. Criada por seu pai viúvo e depois por sua tia rígida, Aurora então se apaixona por seu primo Romney Leigh, homem atuante nas questões por melhorias sociais para as mulheres, que também nutre sentimentos por ela, contudo, por divergências de pensamento a respeito dos papéis sociais dos gêneros em sociedade, eles não se casam ao final do romance. Para alguns críticos, *Aurora Leigh* é um poema revolucionário, para outros é tradicionalmente regido por características masculinas (Deirdre, David- pg 108). Contudo pode ser correto dizer que *Aurora Leigh* assume o papel de uma sociedade dominada pelos homens.

A VISÃO DO HOMEM E DA MULHER EM AURORA LEIGH – BREVES CONSIDERAÇÕES

A obra *Aurora Leigh* retrata a masculinidade e a feminilidade de maneiras diferentes: Aurora tem uma relação de altos e baixos com o seu primo Romney, que discute com ela sobre o valor das escritoras. Essa conversa leva a debates morais semelhantes aos das personagens Jane e Rochester, da obra *Jane Eyre*. Cada um deles vê o papel de uma mulher de forma diferente. Aurora vê o papel da mulher como mãe e cuidadora do mundo. Ela entende o papel da mãe como quem cria os filhos para que ocupem seus devidos lugares, orientando-os em seus caminhos morais e ensinando-lhes os caminhos do mundo.

Aurora vê a mulher como mentora da humanidade. Em vez de conceber o papel doméstico como algo passivo, ela o vê envolvido na formação ativa do caráter humano.

Na verdade, em resposta à alegação de que as mulheres não são lógicas, ela diz: "Eu li uma série de livros sobre feminilidade / Para provar, se as mulheres não pensam, / Elas podem ensinar a pensar" (Browning, I.428- 430). Para ela, a mulher é a modeladora de todas as pessoas, inclusive dos homens.

Romney, ao contrário, vê a compaixão das mulheres como algo menos positivo e inútil para o mundo. Nos estágios iniciais do seu relacionamento, Romney e Aurora discutem sobre a capacidade das poetisas de fazer a diferença no mundo. Aurora e Romney veem o papel do poeta como alguém que conscientiza sobre as questões sociais, mas Romney não consegue ver um lugar para as mulheres nisso. Para ele, embora as mulheres sejam o sexo mais sensível, sua sensibilidade é limitada e não pode abranger todo o sofrimento humano. Romney não vê valor na capacidade de uma mulher de simpatizar com o sofrimento, de enfrentar a dor. Ele quer apenas que os poetas se concentrem no sofrimento do mundo inteiro, simpatizando com milhares de doentes em vez de somente com uma criança doente. Para ele, a verdadeira compaixão é aquela que abrange todas as pessoas.

Romney sofre em sua busca desesperada por uma esposa, um papel que ele pensava ser de Aurora, em uma época onde as mulheres tradicionalmente relacionavam-se com os homens com a intenção de encontrar um marido; estes eram considerados livres e independentes, enquanto as mulheres precisavam da proteção e dos cuidados de um homem. Aurora inverte essa ideia e coloca Romney num lugar secundário. Para ela as mulheres são, na verdade, mais independentes do que os homens, e são os homens que mais precisam das mulheres.

A determinação de Aurora em permanecer fiel ao seu propósito de ser uma poetisa, numa época dominada pelas diretrizes masculinas, fá-la recusar o pedido de casamento feito por Romney, cuja intenção é ter um total controle doméstico sobre ela: "Come, human creature, love and work with me, [...] / Turn round and Love me, or I die of love." (427, 432). Aurora, de forma altiva, expressa verbalmente a ideia que faz dele e de sua proposta de matrimônio:

You misconceive the question like a man,
Who sees the woman as the complement
Of his sex merely. You forget too much
That every creature, female as the male,
Stands single in responsible act and thought
As also in birth and death. (434-39)

No final, depois de todas as suas tentativas em casar com Aurora, Romney percebe que ela não apenas é uma poetisa, é uma mulher que enxerga o que as mulheres têm a oferecer ao mundo. Sendo assim, ele percebe o seu equívoco ao pensar que as mulheres eram incapazes, portanto, não podiam expressar nenhuma verdade sobre o mundo, mas depois de ler as poesias escritas por Aurora, ele vê-se não apenas comovido, mas também convencido do seu engano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance em verso *Aurora Leigh* representa a ideia oposta de acreditar que as mulheres são intelectualmente inferiores ou menos capazes do que o homem. A jovem personagem que dá nome à obra, consegue ao final realizar-se profissionalmente e sentimentalmente, apesar de todas as dificuldades encontradas no seu percurso. Para além disso, esta obra representa a visão social e política de Elizabeth Barrett Browning que resulta da análise ao vivo da sociedade vitoriana nas suas múltiplas vertentes.

THE INNOVATIVE IMAGE OF VICTORIAN WOMEN IN AURORA LEIGH (1857)

ABSTRACT: The questioning of the traditional and stereotyped manipulation of the sexual roles represented in many literary works of the Victorian Period and which seems to be culturally associated with biological differences between the sexes, brings up the contradictions and paradoxes present in the ideology of the feminine and the masculine prevailing in society 19th century English. These preconceived notions of female roles, in addition to restricting women's full social access to education and work, also exalted the most representative and symbolic image of the English female universe: the figure of the angelic woman, evoked in the poem *The Angel in the House* (1854-62), by Coventry Patmore (1823-1896). The purpose of this article is to make a brief analysis of the representation and the submissive role of women before men in the Victorian period that are combated by the writer Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), in her work *Aurora Leigh* (1857).

Keywords: English literature, Victorian period, representation of the feminine.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Altick, R. D. (1973). *Victorian People and Ideas*. New York and London: W.W. Norton & Company, Inc.

Armstrong, I. (1993). *Victorian Poetry: Poetry, Poetics and Politics*. London and New York: Routledge.

Browning, E.B. (1857). *Aurora Leigh*. Oxford World Classics. Oxford and New York: Oxford University Press.

Carter, R. & John M. (1997). *The Routledge History of Literature in English-Britain & Ireland*. London and New York: Routledge.

Engels, F. (1892). *The Condition of the Working Class in England in 1844*. Consultado em <https://www.bl.uk/collection-items/the-condition-of-the-working-class-in-england-in-1844-by-friedrich-engels>

Ellis, S. S. (1838). *The Women of England*. London: Fisher. Consultado em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.31175002284886&view=1up&seq=12>

Ellis, S. S. (1842). *The Daughters of England*. London: Fisher. Consultado em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015064810131&view=1up&seq=17>

Ellis, S. S. (1843). *The Mothers of England*. London: Fisher. Consultado em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b000721740&view=1up&seq=7>

Ellis, S. S. (1844). *The Wives of England*. London: Fisher. Consultado em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b000826407&view=1up&seq=3>

Mermin, D. (1989). *Elizabeth Barrett Browning: The Origins of a New Poetry*. Chicago: The University of Chicago Press.

Patmore, C. (1854). *The Angel in the House*. London: John W. Parker & Son. Consultado em <https://www.bl.uk/collection-items/coventry-patmores-poem-the-angel-in-the-house#>

Rocha, P. C. (2008). A Estética da Dissonância nas Obras de Charlotte Brontë. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil (pp. 32-33).

Wollstonecraft, M. (1792). *A Vindication of the Rights of Woman. An Authoritative Text Backgrounds, the Wollstonecraft Debate Criticism*, Carol H. Poston (Ed). New York and London: W.W. Norton.